

DIÁLOGOS ENTRE “*ARITHMETICA ELEMENTAR*” DE GEORG AUGUST BÜCHLER E O MÉTODO INTUITIVO DE PESTALOZZI

DIALOGUES BETWEEN GEORG AUGUST BUCHLER’S “ELEMENTARY ARITHMETICA” AND PESTALOZZI’S INTUITIVE METHOD

ROBERTO JOÃO EISSLER*
PRISCILA JULIANA DA SILVA**

RESUMO

Este artigo tem como objeto de investigação o livro *Arithmetica Elementar* de Georg August Büchler publicado em 1ª edição pela editora Weiszflog Irmãos em 1919. Dessa forma, propõe-se como objetivo identificar e analisar os princípios do método intuitivo de Pestalozzi nesse livro. A análise do livro *Arithmetica Elementar* de Büchler é apresentada em dois tópicos principais. O primeiro tópico dialoga com os elementos: estrutura editorial, seleção e distribuição dos conteúdos do livro e o segundo dialoga com os elementos da abordagem dos conteúdos e metodologia de ensino com enfoque no método intuitivo de Pestalozzi, presente no livro. A partir da análise do livro, visualiza-se que há vinculação do livro aos princípios e fundamentos do método intuitivo de Pestalozzi de forma recontextualizada.

Palavras-chave: Método Intuitivo. Pestalozzi. Büchler.

ABSTRACT

The present paper sets out to investigate the book ‘Arithmetica Elementar’ by Georg August Büchler whose 1st edition was published by Weiszflog Brothers in 1919. Thus, our aim is to identify and to analyze the principles of Pestalozzi’s intuitive method in Büchler’s book. We analyze Büchler’s Elemental Arithmetica book according to two main topics. The first topic engages in a dialogue with the components: editorial structure, selection and content distribution of the book and the second engages in a dialogue with the components of the content approach and the teaching methodology focused on Pestalozzi’s intuitive method as presented in the book. The analysis indicates that there is a relationship between the book and the principles and the foundations of Pestalozzi’s intuitive method in a recontextualized way.

Keywords: Intuitive Method. Pestalozzi. Buechler.

* Doutor em Educação. Instituto Federal de Santa Catarina. E-mail: eissler@ifsc.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3024-2479>

** Mestre em Educação. Instituto Federal de Santa Catarina. E-mail: priscila.silva@ifsc.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1672-6143>

APRESENTAÇÃO

De acordo com Dynnikov (2016), o final do século XIX e o início do século XX apresentaram ondas migratórias para o Brasil, que alteraram as realidades locais, especialmente pela atuação de agentes culturais “[...] que foram responsáveis pela circulação de conhecimentos, ao aportarem no país com alguma formação acadêmica adquirida em instituições estrangeiras” (DYNNIKOV, 2016, p. 97). Dentre os agentes identificados pela autora encontra-se Georg August Büchler que trouxe da Alemanha a sua vivência com um método de ensino com influências dos ideais de Pestalozzi.

Georg August Büchler (1884-1962) se formou em pedagogia e música em um Seminário de Formação de Professores de Bensheim em Hessen na Alemanha e veio ao Brasil em 1905 para lecionar Inglês e Matemática na *Neue Deutsche Schule* em Blumenau-SC - atual Escola de Educação Básica Dom Pedro II, na qual permaneceu até 1917. Em sua carreira no magistério, ele também foi professor na Escola Alemã de Joinville e diretor da Escola Alemã em Florianópolis, assim como dirigiu o 2º grau da Escola Comercial de São Paulo (DYNNIKOV, 2016). Ele é de uma época em que professores com formação vinham do exterior para trabalhar nas escolas constituídas nos núcleos de imigração, principalmente alemã, no sul do Brasil.

A atuação de G. A. Büchler não fica restrita ao local de sua chegada ao Brasil quando de sua emigração. A publicação de seus livros de aritmética por uma editora de alcance nacional, a Weisflog Irmãos, que depois viria a se tornar a Editora Melhoramentos, aponta para isso.

Büchler publicou o livro *Arithmetica Elementar* em três volumes, dos quais o Livro 1 será objeto de análise deste artigo. Outros autores já analisaram esses livros, a partir de diferentes perspectivas, sendo eles: Dynnikov (2016; 2017); Almeida e Pinto (2017); Eissler, Schena e Correa (2018); Silva (2018); por isso se considera pertinente uma breve apresentação desses trabalhos.

Dynnikov (2016, 2017), ao observar os livros publicados¹, analisa em suas pesquisas as representações de Aritmética inseridas nesses livros, as suas imagens, e também as informações sobre o autor, um adepto do método intuitivo no Brasil.

Silva (2018) procura identificar a apropriação que o autor realizou do método intuitivo por meio das transferências culturais.

Almeida e Pinto (2017) analisam a tabuada presente em dois livros didáticos de aritmética da escola primária do início do século, entre eles o *Arithmetica elementar livro 1* de Georg August Büchler. Segundo os autores, esse livro apresenta registro de novos usos das tabuadas que, em tempos de protagonismo do método intuitivo, expressam contraponto com as práticas de memorização da tabuada de períodos anteriores.

Eissler, Schena e Correa (2018) relacionam esse livro de Georg August Büchler a um livro de história, também de uso nas escolas primárias no início do século XX, o livro *Nossa Pátria*, escrito por Rocha Pombo e publicado em 1916. Os autores destacam que tais livros contemplavam, em grande parte, os anseios nacionalistas de um regime político que procurava se afirmar no país durante a passagem do século XIX para o século XX.

Nesses trabalhos sobre o livro *Arithmetica Elementar* de Büchler, o método intuitivo de Pestalozzi é discutido por Dynnikov (2016), entretanto, de acordo com Incontri (1996) a influência de Pestalozzi no Brasil é indireta, pois seus textos nunca foram traduzidos integralmente para o português e nenhuma escola ou instituição se inspirou em suas ideias de forma profunda.

¹ Dynnikov cita que alguns dos exemplares que ela utilizou em suas análises estão disponíveis no Repositório da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Aqueles livros estavam disponíveis e acessíveis em 03/03/2019 no link: <https://bit.ly/2pNbca2>

Contudo, em seu contexto na Europa e na história da pedagogia esse autor deixou sua marca e, considerando que a formação pedagógica de Büchler ocorreu na Europa, é possível analisar, na sua obra *Arithmetica Elementar*, os elementos indiretos do método intuitivo de Pestalozzi, bem como formas de recontextualização desse método no Brasil.

Diante dessas considerações, define-se como objetivo deste artigo identificar e analisar os princípios do método intuitivo de Pestalozzi nesse livro. Dessa forma, apresentam-se inicialmente os princípios pedagógicos da teoria de Pestalozzi, assim como o método de ensino intuitivo por ele proposto para então articular esses princípios e o próprio método intuitivo ao livro *Arithmetica Elementar* de Büchler.

OS PRINCÍPIOS DO MÉTODO INTUITIVO DE PESTALOZZI

No período dos anos de 1700 ocorrem mudanças no pensamento educacional impulsionado pelo surgimento de uma nova sociedade. A revolução francesa marca o acesso da burguesia ao poder e reorganiza as formas de pensar sobre o homem e a sociedade. Esse novo homem precisa ser educado para essa nova sociedade e novas pedagogias emergem nesse contexto.

Assim sendo, a educação inicia um processo de mudança, assumindo uma função ideológica. Isso significa, para Cambi (1999), que a educação tem a atribuição de assegurar sua função política. Dessa forma, a educação não é apenas reprodutivista, mas crítico-reprodutivista à medida que “[...] age como síntese orgânica de perspectivas de valores, ou ainda como centro de rearticulação na própria sociedade, submetendo-a inclusive às revisões que tal processo de transmissão cultural sempre comporta” (CAMBI, 1999, p. 383).

Cambi (1999) considera Rousseau o pai da pedagogia contemporânea, pois foi na França, país de origem desse autor, que ocorreram renovações na filosofia da educação. A teoria de Rousseau promove uma revolução no pensamento pedagógico ao colocar a criança no centro do processo educativo, opondo-se, portanto, às teorias tradicionais vigentes até então. Essa renovação pedagógica transforma a pedagogia em uma nova forma de responder às mudanças sociais que marca a “[...] passagem do mundo tradicional para o mundo moderno” (CAMBI, 1999, p.199).

É nesse contexto de mudanças sociais, e conseqüentemente mudança nos significados da educação, que Johann Heinrich Pestalozzi inicia suas atividades como pedagogo. Pestalozzi é incentivado por suas leituras de Rousseau e com sua experiência em escolas na Suíça elabora seu próprio pensamento pedagógico.

Pestalozzi nasceu em Zurique em 1746, filho de um pastor protestante, estudou em sua cidade natal e participou do movimento pela independência Suíça. Em sua juventude foi influenciado pelo pensamento de Rousseau e por alguns aspectos do movimento romântico. Sua atividade como pedagogo iniciou em 1767, na cidade de Neuhoof, educando jovens órfãos da comunidade. A experiência em Neuhoof foi interrompida em 1779. Até 1797 se dedicou à pesquisa teórica (CAMBI, 1999). Salienta-se entre suas diversas obras pedagógicas²: *Minhas pesquisas sobre o curso da natureza no desenvolvimento do gênero humano* de 1798 e *Gertrudes instrui seus Filhos* de 1801.

Entre as diversas influências do pensamento pedagógico de Pestalozzi se destacam os princípios rousseauianos da educação segundo a natureza, da educação familiar e da finalidade ética da educação. Cambi (1999) ainda enfatiza, como características da pedagogia pestalozziana, o humano em luta contra o mundo histórico e natural em que se encontra e que deve tender a dominar.

² Os títulos dessas obras estão em Cambi (1999). Os títulos aqui apresentados são traduções do alemão: *Meine Nachforschungen über den Gang der Natur in der Entwicklung des Menschengeschlechts* (1798) e *Wie Gertrud Ihre Kinder Lehrt* (1801), respectivamente.

Ao analisar a ideia de criança e ser humano de Pestalozzi, Santos e Alves (2018) consideram que o conceito de educação defendido por ele torna o indivíduo:

[...] um ser útil para a sociedade, que tenha os seus afetos e sentimentos religiosos aguçados e que, principalmente, tenha uma vida feliz, através de uma formação moral. Formação esta, passada primeiramente pela mãe, depois por preceptores e educadores preparados e formados a partir de preceitos religiosos e intelectuais, a fim de garantir a sobrevivência e felicidade do ser humano (SANTOS e ALVES, 2018, p. 277).

Zanatta (2012) considera que esses princípios não eram novos, mas que Pestalozzi os organizou em torno de um método de ensino que tem como premissa partir do simples para o complexo e do concreto para o abstrato, assim, seguindo o ritmo natural de aprendizagem da criança.

Para Gasparin (2010, p. 35) o método intuitivo de Pestalozzi “[...] consistia em partir da prática, por meio dos sentidos que deviam entrar em contato direto com os objetos, para chegar depois ao pensamento, às ideias”.

Auras (2005), a partir das ideias de Pestalozzi, considera que o método intuitivo enfatiza a observação direta, ou seja, ver, sentir e tocar, pois está alicerçado “[...] no pressuposto de que o conhecimento tem início na operação dos sentidos sobre o mundo exterior” (AURAS, 2005, p. 137). Dessa forma, a autora discute que a matriz epistemológica do método intuitivo está no empirismo clássico de Francis Bacon, que defende a origem do conhecimento nos sentidos humanos. A autora afirma que “[...] o método de ensino intuitivo segue a abordagem indutiva baconiana, sintetizada pela versão científica da pedagogia, segundo a qual o ensino deveria partir do simples para o complexo [...]” (AURAS, 2005, p. 137).

Assim, Pestalozzi define uma lei imutável da didática baseada em três fundamentos:

1. Ensinar as crianças a considerar cada objeto do qual temos consciência como unidade, isto é, como distinto daquele que se parecem unidos. 2. Ensiná-las a reconhecer a forma de cada objeto, isto é, as suas medidas e proporções. 3. Torná-las, o mais rápido possível, familiares com as palavras e os nomes dos objetos por eles reconhecidos. Se, portanto, o ensino das crianças deve partir destes três pontos elementares, é claro que o primeiro cuidado da arte didática deve ser revista para dar a esses três elementos a máxima simplicidade, extensão e harmonia recíproca (PESTALOZZI, 2010, p. 70).

Oliveira (2017) analisa estes três fundamentos da didática de Pestalozzi e mostra que em cada um deles há um elemento do saber. Portanto, é necessário primeiro

[...] identificar o número de objeto que se tem em vista, em seguida, conhecer a forma desse objeto para distingui-lo de outros já conhecidos; e dar um nome. Por isso, Pestalozzi chegou à conclusão de que todos os objetos concretos são necessariamente representados pelo número, forma e palavra - os três principais elementos do saber (OLIVEIRA, 2017, p. 1011).

Destaca-se que nesse processo didático o uso da linguagem se dá como instrumento da instrução. Para Oliveira (2017, p. 1017) um dos princípios do método intuitivo de Pestalozzi é a conversação que

[...] trata-se de uma espécie de jogo que se configura entre perguntas e respostas. Por que esse princípio? Porque naquela época esse princípio funcionava como um instrumento pedagógico e psicológico que permitia identificar o grau de maturidade da criança, fazendo-a externalizar o seu saber. A criança só se expressa sobre aquilo que ela quer conhecer ou sobre o que já conhece (OLIVEIRA, 2017, p. 1017).

Incontri (1996) defende que a linguagem em Pestalozzi tem dois pontos entrelaçados: a relação linguagem-objeto, que é perpassada pelos aspectos culturais em que a criança está inserida, e a linguagem como instrumento de manifestação da lógica, que permite o processo de externalização das compreensões dos conteúdos pelas crianças. Essa compreensão da linguagem também é defendida por Incontri (1996) como dialética, pois

[...] parte-se de intuições, percepções, observações diretas da realidade, que, embora se componham de maneira orgânica, radicadas no eu, se revelam ainda confusas, obscuras, pela posse da linguagem, conquista-se o poder de análise, detalhamento, classificação, organização e drenagens das percepções; finalmente, o pensamento avança para a síntese, para a extensão dos conceitos [...] (INCONTRI, 1996, p. 110).

Portanto, é a linguagem que, para além de dar nome às coisas, possibilita a classificação e comparação e, é por meio dela, em conjunto com a observação, que a criança chega à formulação de uma ideia (INCONTRI, 1996).

A partir dos princípios do método intuitivo de Pestalozzi apresentados, compreende-se que a finalidade da educação é o “[...] o cultivo da mente, do sentimento e do caráter” (ZANATTA, 2012), que tem como consequências pedagógicas a construção de um método de ensino que torne parte do “[...] conhecido ao desconhecido, do concreto ao abstrato, do particular ao geral, da visão intuitiva à compreensão geral” (ZANATTA, 2012, p.107).

No Brasil, o método intuitivo de Pestalozzi não foi introduzido de maneira direta, pois seus textos não foram traduzidos inteiramente para o português e não há instituições que se apropriaram de suas ideias em profundidade (INCONTRI, 1996). Nesse contexto, Incontri (1996) ressalta que muitos brasileiros visitaram escolas pestalozzianas na Europa, mas que ao relatar aqui o método intuitivo reproduziram uma forma de intuição, já desenvolvida na Europa, afastada dos princípios propostos pelo autor.

Diante das recontextualizações do método de ensino proposto por Pestalozzi, sem as considerações aos princípios fundamentais de sua pedagogia, é comum que surjam críticas ao seu método que o aproximem das pedagogias tradicionais que ele criticava. Zanatta (2012) considera a principal crítica ao pedagogo

[...] à posição passiva do aluno no processo de assimilação dos conhecimentos transmitidos por meio da utilização de todos os sentidos. As operações efetivas são executadas somente pelo professor ou, no máximo, por um aluno chamado diante da classe. Nesse processo, o concreto é mostrado, apresentado, demonstrado, mas o aluno não mergulha nele, não age sobre ele, não o integra plenamente, por o não ter manipulado com as mãos e com o cérebro. Aprender significa para a criança tirar uma cópia da explicação dada pelo professor. A criança deve, portanto, memorizar os resumos, definições, conceitos, tais como lhe foram dados e aplicar invariavelmente os mesmos procedimentos para achar soluções (ZANATTA, 2012, p. 107).

Compreende-se, a partir dos princípios e fundamentos apresentados sobre o método intuitivo de Pestalozzi, que em suas experiências como educador, o processo de ensino-aprendizagem parte do mundo conhecido da criança possibilitando sua expressão e que, a partir da observação desse mundo, o raciocínio por meio da linguagem vai se estruturando. Dessa forma, o método intuitivo de Pestalozzi se insere nas tendências pedagógicas ativas, que têm como fundamento político a adaptação do sujeito para a vida social, mas que coloca a criança no centro do processo de ensino.

Diante das considerações sobre os princípios e o método de ensino intuitivo de Pestalozzi, propõem-se a identificar e analisar esses elementos na obra *Arithmetica Elementar* de Büchler.

ELEMENTOS ANALISADOS NO LIVRO ARITHMETICA ELEMENTAR DE BÜCHLER

Dassie (2011), em sua análise de livros didáticos de matemática considera, os seguintes elementos: estrutura editorial, seleção e distribuição dos conteúdos, abordagem dos conteúdos e metodologia de ensino. Esse autor compreende a estrutura editorial como a parte física do livro que inclui capa, folha de rosto, prefácio, sumário, organização dos capítulos, apêndice etc. Já por seleção de conteúdos o autor considera a relação entre os programas oficiais que definem os conteúdos e princípios de ensino com as opções definidas no livro didático. Por sua vez, a metodologia de ensino trata da forma como os conteúdos são apresentados em seus aspectos teóricos e comunicativos.

Em outra análise de livro didático, Dassie (2018) complementa os elementos apresentados acima ao defini-los como parte de um conjunto de relações e diálogos entre autor-leitor e considerando nessa relação o professor como leitor que é destinatário do livro didático. A partir desses conceitos, o autor propõe como características do impresso destinado ao professor as orientações diretas ou indiretas para o trabalho em sala de aula. Essas características presentes, especialmente, nos elementos paratextuais dos livros, ou seja, como elementos presentes na capa, nas páginas iniciais, ao longo do texto e ao final do livro que se comunica com o seu público.

Considerando-se os elementos de análise propostos por Dassie (2011; 2018), realizou-se a análise do livro *Arithmetica Elementar* de Büchler, que será apresentada em dois tópicos principais. O primeiro (3.1) dialoga com os elementos da estrutura editorial, da seleção e da distribuição dos conteúdos e o segundo (3.2) dialoga com os elementos da abordagem dos conteúdos e a metodologia de ensino com enfoque no método intuitivo de Pestalozzi presente no livro.

ELEMENTOS DA ESTRUTURA EDITORIAL E DA SELEÇÃO DE CONTEÚDOS

Tem-se em mãos um exemplar (original) do livro 1 de *Arithmetica Elementar* de Georg August Büchler, um livro que, apesar de não explicitar se tratar de livro para o professor, acredita-se que tenha como destinatário/leitor o professor. Há indícios que permitem essa afirmação: este livro está escrito utilizando-se de histórias, em formas de contos, para ensinar aritmética para uma turma que estaria apenas se iniciando no campo da leitura; ele traz diversas orientações metodológicas ao professor e, além disso, em todas as lições a forma de escrita mostra como o professor precisa interagir com as crianças, conforme se pode observar no Quadro 1.

Quadro 1 - Elementos de Comando do Professor no Livro I intitulado *Arithmetica Elementar*.

p. 12

Exercício II

1. Como diz o padeiro quando conta os pães para Luiza?

Para quem são os pães?

Vocês já desenharam todas as cadeiras que Victor chega á meza?

Vocês já desenharam todas as cadeiras. Abram o caderno onde estão as cadeiras desenhadas. Conte as cadeiras. Quantas são?

p. 29

IV. Exercício

Onde já viram balanças? Para que a gente precisa de balanças?

Quantas conchas tem a balança?

p. 36

Exercício V

1. Com que mão você escreve? Levantem todos o braço direito!

Fonte: Elaborado pelos autores, a partir de Büchler (1919).

O livro explicita a existência de um caderno para uso dos alunos, sendo o livro, então, reservado ao professor. Esse livro possui vinte e cinco lições (ou contos) e que devem ser apresentados em 40 semanas, ou seja, um ano letivo. Aponta-se, também, que ao final do livro se encontram notas ao professor, que deixam ainda mais evidentes o destinatário/leitor, conforme o Quadro 2.

Quadro 2 - Notas ao Professor no Livro I intitulado *Arithmetica Elementar*.

p. 214

O professor procure despertar a curiosidade dos alunos entretendo-os com a narração da vida de uma família conhecida.

p. 215

O professor desenhe o rectangulo com as respectivas columnas representado na pag. 19.

p. 217

O professor, se referindo aos 5 dedos da mão, mostrará sempre a mão direita espalmada para os alunos de modo que elles vejam a palma da mão.

Fonte: Elaborado pelos autores, a partir de Büchler (1919).

Esse exemplar do livro do professor, *Arithmetica Elementar Livro 1* de Georg August Büchler, analisado neste artigo, possui dimensões de 13,5 x 19,0 cm, capa dura, e 229 páginas numeradas acrescidas de mais sete páginas não numeradas, das quais duas contém um índice em forma de quadro, uma página contendo a distribuição das lições em 40 semanas letivas e com a indicação de que o Livro II estava no prelo e o livro III em preparação, mais duas páginas com propagandas das publicações da Weiszflog Irmãos, a Editora dessa obra, e ainda outras duas páginas em branco.

Em sua página de rosto, esse livro que se tem em mãos apresenta uma marca identificando seu antigo proprietário, um carimbo oval com as inscrições “Secretaria? [ilegível]³ de Instrucção Pública - Ceará, Fortaleza”, o que indica a sua utilização naquela região (Figura 1).

³ Apesar de ilegível, observa-se que a palavra é composta de cinco letras.

Figura 1 - Página de rosto do livro *Arithmetica Elementar* com carimbo da Secretaria de Instrução Pública de Fortaleza.



Fonte: Büchler (1919).

Confirma-se a sua utilização no Ceará, também por meio de um artigo na Revista Nacional de 1923 em que Costa (1923) analisa a obra:

O professor que puder compreender e seguir o processamento indicado nesta “Arithmetica elementar”, ha de verificar as enormes vantagens do ensino assim encaminhado. Aliás é o que se está passando nas escolas públicas daqui onde uma pleiade de abnegadas professoras realiza a reforma do ensino nos moldes modernos, debaixo da orientação esclarecida do Prof. Lourenço Filho, que adoptou o livro de Büchler (COSTA, 1923, p. 661).

Ainda na página de rosto, visualiza-se uma indicação de uso dessa obra: “Para o ensino primário, de accordo com os programmas officiaes” (BÜCHLER, 1919, p. I). Tendo em vista que, nessa época de lançamento do livro, cada estado brasileiro organizava o ensino primário a sua maneira, é de se esperar que haja diferenças entre os programas de ensino de cada um. Este fato torna um desafio lançar um livro didático, pois uma editora de alcance nacional, como a Melhoramentos (antiga Weisflog Irmãos), que pretende alcançar o maior número de leitores, precisaria atender às necessidades (ou exigências) dos estados, contemplando a todos os programas.

Observa-se, no entanto que, nessas primeiras décadas do século XX, os Programas de ensino de Aritmética dos estados apresentavam algumas coincidências; por exemplo, o Programa de Santa Catarina, do ano de 1911 (Decreto nº 587, de 22 de abril de 1911) era idêntico ao do estado de São Paulo, de 1905 (Decreto nº1281, de 24 de abril de 1905) e o Programa do Paraná de 1921 (Portaria nº 86, aprovada pelo então Secretário Geral de Estado, Marins Alves de Camargo) era idêntico ao de

São Paulo, de 1918 (Decreto nº 2944, de 8 de agosto de 1918). Dessa forma, o estado de São Paulo se coloca como protagonista na construção de programas de ensino nesse período. Isso pode ter ocorrido devido ao fato de Orestes Guimarães e Prieto Martinez, reformadores do ensino nos estados de Santa Catarina e Paraná, respectivamente, serem oriundos da escola paulista. Nesse sentido, apesar de ainda não ter sido possível localizar o Programa do Ceará para as primeiras décadas do século XX, é possível que Lourenço Filho tenha construído um próprio, baseando-se em algum de São Paulo, de onde é originário.

Assim sendo, tendo em vista a sede da editora em São Paulo e o autor ter passado boa parte de sua trajetória profissional no estado de Santa Catarina, optou-se por analisar alguns aspectos dos Programas de Ensino desses dois estados.

Observa-se que o Programa de Ensino do estado de São Paulo, de 1911, determina a utilização de material concreto, por exemplo, a “Leitura e cópia das cartas de Parker, concretizando os primeiros passos, tornando-os sensíveis pelo emprego de tornos, grãos de milho, lápis ou varetas (s.p)”, e também a realização de “taboadas com o emprego de tornos (s.p)”. Também de 1911, o Programa de ensino para as escolas isoladas⁴ no estado de São Paulo, apresenta para a Aritmética, 1ª secção, o item “1- Observação directa de quantidades que o alumno possa ver e tocar”.

Outro programa de Aritmética, o Programa de Ensino do estado de Santa Catarina, do ano de 1911 (e que também foi de São Paulo, 1905), determina para a Aritmética, o ensino dos “Rudimentos das primeiras operações pelos meios concretos, com auxílio de taboinhas ou de tornos de sapateiro (p. 2)”; e o programa de 1920 (Decreto nº 1322 de 29 de janeiro de 1920) determina “cópia e leitura do quadro de Parker” e também que

1º Apparelhe-se o professor com collecções de objetos iguaes, bem sensíveis a vista dos alunos pelas suas dimensões e lugar em que estejam colocados e estabeleça palestras, encaminhando o ensino de modo que, apresentada uma collecção, eles a reconheçam e digam que quantos objetos se compõe.

2º Por meio das mesmas collecções de objetos, iniciar os alunos nas quatro operações simultaneamente.

NOTA: O professor não deve ter pressa nesta primeira phase, pois o ensino desta disciplina, por sua natureza, deve ser methodizado de modo que desenvolva o raciocínio, sugira e cultive o espirito de educação. É UMA PHASE EDUCATIVA (p.10-11).

Nesses programas, listam-se diversos materiais a serem utilizados nas aulas, as Cartas de Parker, as taboinhas, os tornos de sapateiro, os grãos de milho, os lápis, os palitos etc. Alguns em consonância com o fato de se utilizar itens que os alunos já conheçam e, outros, para serem apresentados para ensinar aos alunos.

O livro 1 de Georg Büchler traz imagens de elementos do cotidiano dos alunos, optando, dessa forma, por uma observação indireta de algo que o aluno possa ver, mas não tocar. Embora os programas de ensino determinem a “observação directa”, nota-se que Büchler utiliza, principalmente, a observação indireta, por meio das imagens que ilustram as histórias da família Motta. Contudo, o autor sugere que se faça também a observação direta de objetos do cotidiano.

4 “Em 1904 foi ratificada no Estado de São Paulo a classificação das escolas primárias de acordo com a localização e o uso legal do termo escola isolada. De acordo com a Lei n. 930, de 13 de agosto, o ensino preliminar seria ministrado em escolas ambulantes, em escolas isoladas situadas em bairros ou distritos de paz e na sede de municípios, nos grupos escolares e na escola modelo preliminar anexa à escola normal da Capital.” (SOUZA; ÁVILA, 2015, p. 297).

Entre esses elementos concretos para serem utilizados e observados diretamente, tem-se um contador que Heribaldo Costa (1923) afirma ser mais adequado ao ensino que o de Victor Mercante⁵.

Com a devida vênia e o máximo respeito, afirmamos que o contador do prof. Büchler é incomparavelmente mais perfeito para o estudo da numeração que as bolinhas, bolsas e caixas a que se refere o pedagogo Victor Mercante, em sua “Metodologia” (p. 403, v. 1). Isto porque, com este ótimo processo, nos arriscamos a permitir que a criança perceba diferença em a natureza das unidades de várias ordens, quando apenas se distinguem por seus valores.

Com a orientação seguida no livro que apreciamos não há perigo de que o discípulo deixe de saber realmente, não só escrever mas também enunciar números, representando na consciência as grandezas relativas a que servem os símbolos. É isto o que se pode obter de mais perfeito (COSTA, 1923, p. 661).

Büchler apresenta, portanto, outros materiais para serem utilizados nas aulas de aritmética. Nesse sentido, com relação a esses materiais e conteúdos que constam nos Planos de Ensino, Valente (2015, p. 199) observa que

[...] os programas dessa primeira fase da escola republicana paulista caracterizam-se, no que toca às orientações e normativas para a educação matemática (ensino da aritmética), por um amálgama de orientações que levam em conta o ensino intuitivo (algo a ser considerado no primeiro ano escolar), somados ao parcelamento dos conteúdos já clássicos da aritmética escolar para os demais anos de ensino. Trata-se do que poderia ser chamado de uma fase empírico-lógica dos programas - empírica, por enfatizar o uso dos materiais concretos como primeiros passos, como elementar matemático rumo ao aprendizado dos temas mais avançados da aritmética e lógica, pois fraciona a organização da aritmética escolar clássica para o ensino nas séries posteriores.

A partir dos elementos analisados neste subtítulo, percebe-se que o livro de Büchler não segue as orientações dos programas de ensino tal como proposto, pois se utiliza de materiais concretos distintos dos programas. Ainda, pode-se afirmar que o livro de Büchler, ao utilizar histórias para iniciar suas lições, desenvolve estratégias pedagógicas mais amplas no ensino da Aritmética.

ELEMENTOS DO MÉTODO INTUITIVO DE PESTALOZZI NO LIVRO *ARITHMETICA ELEMENTAR* DE BÜCHLER

No prefácio do livro Büchler se encontra a seguinte frase: “A observação é a base absoluta de todo conhecimento”. Essa frase é atribuída pelo autor como de autoria de Pestalozzi. Assim, já no prefácio, visualiza-se a filiação de Büchler ao método intuitivo de Pestalozzi.

Essa filiação ao método intuitivo está descrita em forma de orientações pedagógicas. Inicialmente, destaca-se a defesa de Büchler de um livro de Aritmética que realize uma transição entre a vida familiar e escolar fazendo uso do mundo social em que a criança está inserida para a compreensão do mundo dos

⁵ Costa (1923) tem em mãos dois volumes do livro de G. A. Büchler, pois o terceiro ainda estava por vir. Esse exemplar é de 1919 e o volume 2 de 1921. Uma segunda edição do volume 1 é publicada em 1924 com uma redução no número de páginas. Neste artigo, analisamos apenas o volume 1, de 1919.

números. Para fundamentar essa ideia, Büchler faz citação do livro “Lição das Coisas” de N. A. Calkins traduzida por Rui Barbosa em 1886. Nessa citação, se sobressai como orientações pedagógicas o uso do sentido da visão para iniciar o ensino de número, forma e palavra, partindo da observação do real e não de formas abstratas para ensinar aritmética.

Mais adiante, no prefácio, Büchler descreve as dificuldades do ensino abstrato dos números mostrando que essa forma de ensino pode gerar desinteresse da criança e obrigar o professor a utilizar constantemente repreensões que, inicialmente, serão amorosas, mas que com o tempo se tornarão ríspidas gerando tensão entre professor e aluno. Para finalizar esse relato Büchler escreve: “O defeito não está nas crianças, que não podem deixar de ser: o producto natural de sua índole e do meio que viveram. O defeito está, sem dúvida nenhuma, nos métodos adoptados” (1919, p. IV). Assim, o autor, Georg August Büchler, critica o ensino abstrato da Aritmética e propõe formas de ensinar, que partam do mundo da criança, com o uso de situações reais. Para tornar esse mundo real atrativo o autor faz uso de contos. Essa premissa pedagógica o enquadra dentro de uma perspectiva de educação que se opõe ao modelo pedagógico tradicional de transmissão de conteúdos.

Büchler, ainda no prefácio, esclarece que seu livro se norteará pelos princípios de respeito à criança e suas disposições naturais, estabelecendo no ensino de aritmética uma fase de transição entre a vida familiar e escolar. Para atingir esse objetivo, o autor propõe a associação concreta da aritmética com objetos que são da experiência da criança e o uso de contos que devem ser interpretados pelo professor na linguagem infantil.

Costa (1923)⁴ expressa a importância da obra de Büchler da seguinte maneira:

A parte mais valiosa da obra, sob o aspecto didático, se encerra no primeiro volume, que todo é uma série de historietas interessantes, por onde se vai encaminhando a criança para a obtenção das noções preliminares de cálculo dos valores, por intermédio de induções e deduções agradavelmente conduzidas.

Em todo o livro não há uma só página monótona, um só trecho que não indique uma solução encantadora para o aluno. Tudo aí desperta no menino o interesse que é a mola motora do aprendizado activo, isto é, real.

Os pequenos contos que formam o trabalho benemérito do prof. Büchler são relativos a factos normais da vida de uma família, os quais vão dando lugar ao estudo da aritmética (COSTA, 1923, p. 660).

Esses contos citados por Costa (1923) são apresentados com ilustrações no livro analisado. Nessas lições, apresenta-se uma história em que se contextualiza uma família em situações cotidianas, e é a partir das vivências do dia a dia dessa família que são propostas as intervenções do professor. Essa forma de organizar e desenvolver as aulas é analisada por Dynnikov (2016, p. 104).

Assim, Büchler, como outros autores de livros didáticos germânicos (EGGER; 1848), principia a *Arithmetica Elementar I* com objetos conhecidos da criança: mesa, cadeiras, pratos, xícaras, talheres, alimentos, bola, animais domésticos, flores, brinquedos, as mãos, os dentes, etc. No prefácio, considera que os problemas que o homem do povo se depara na vida são de uma simplicidade surpreendente. Para mostrar essa simplicidade, ele elege principalmente os alimentos nos enunciados de problemas que propõe para as operações elementares nos três volumes. Faz surgir assim: o pão, o café, a manteiga, o açúcar, o leite, as bananas e laranjas, a carne, o queijo, o chocolate,

os ovos, o frango, o milho, as variedades de farinhas como a de trigo, mandioca e milho, os vários tipos de feijão, o arroz, a banha, o vinagre e o vinho.

As histórias que introduzem as lições retratam uma família com casa própria e proprietária de um pequeno comércio, um armazém. Na Figura 2, Luiza, filha da família Motta busca no jardim de casa uma abelha para contar as patas assim como fez na atividade escolar com o desenho (p. 74).

Figura 2 - Luiza no Jardim da Família Motta.



Fonte: Büchler (1919, p. 74).

Na Figura 3, roseiras estão sendo plantadas pelo jardineiro no jardim da família Motta, enquanto Victor conta as roseiras que o jardineiro tira de sua carroça (p. 134).

Figura 3 - Victor conta as roseiras no Jardim da Família Motta.



Fonte: Büchler (1919, p. 134).

A Figura 4 mostra o armazém da família Motta. Nesse local, Victor convive no dia a dia com seu pai, o Sr. Motta, que administra o negócio. O menino ainda não frequenta a escola devido à idade, mas participa ativamente das histórias contextualizando os conteúdos que estão sendo desenvolvidos em sala de aula.

Figura 4 - Armazém da Família Motta.



Fonte: Büchler (1919, p. 24, 32).

Por sua vez, a Figura 5 contextualiza uma lição sobre direita e esquerda, par ou ambas em uma história que tem como título “A Rua”.

Figura 5 - Ilustração do Conto ‘A Rua’.



Fonte: Büchler (1919, p. 24, 32).

A partir das lições apresentadas e das imagens que as ilustram, Büchler materializa o método intuitivo ao buscar uma transição da vida cotidiana para a vida escolar a partir das vivências das crianças. Esse objetivo é proposto pelo próprio autor no seu prefácio e é desenvolvido ao longo de todo livro. Entretanto, destaca-se, na forma de apresentação das histórias e na forma que os conteúdos derivam delas, que o método intuitivo de Büchler considera, na maior parte do livro, a vida cotidiana através de imagens. Assim, partindo das ilustrações, é possível ver, mas não é possível tocar, experienciar e vivenciar. Portanto, Büchler apresenta em seu livro o método intuitivo de forma recontextualizada.

Ao longo do livro são realizadas associações entre as vivências da família Motta e os conteúdos. Portanto, os exercícios buscam a interação entre o conhecimento desenvolvido em sala e a vida cotidiana da criança. Dentre as diversas lições e exercícios, ressaltam-se dois exemplos: na página 53 o exercício 7, proposto como exercício de memória, faz as seguintes perguntas para as crianças: “Quantas janellas tem o quarto onde você dorme? Para onde dão? Quantas janellas ha na frente da casa onde você mora? Quantas sahidias tem a casa? Diga os nomes de seus irmãos! Quantos livros você tem? Para que servem? Quantos relógios vocês teem em casa? Onde?, etc.” (BUCHLER, 1919, p. 53).

Por sua vez, na página 132, o início dos princípios da multiplicação é apresentado aos alunos com a história das roseiras. Nessa história, Victor, o caçula da família Motta, conta quantas roseiras o jardineiro

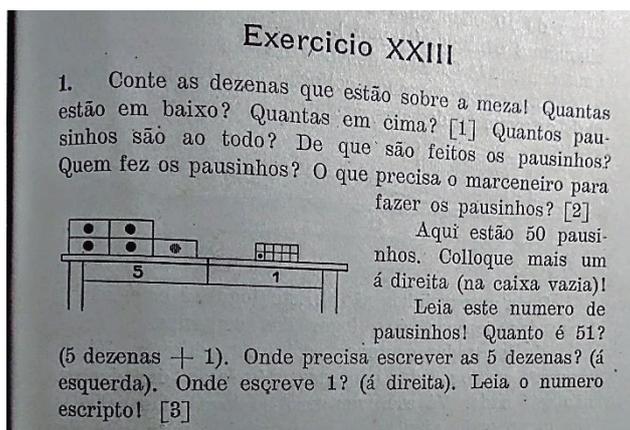
descarrega da carroça. Como o jardineiro descarrega duas roseiras cada vez, o menino vai construindo uma nova maneira na contagem de roseiras que pode ser exemplificada na sua fala para sua mãe:

Da janella, D. Maria chamou Victor e disse-lhe que perguntasse ao Antonio quantas roseiras tinha recebido. Victor porém, respondeu: - Não, mamãi, não precisa perguntar, eu sei quantas são. Olhe. O jardineiro levou uma vez 2; outra vez 2; outra vez mais 2; ainda uma vez 2 e agora vai levando outras 2. (BUCHLER, 1919, p. 134).

Além do uso das histórias para o ensino da Aritmética, Büchler também apresenta formas concretas de aprendizagem para além das imagens. Embora essas estratégias apareçam com menor frequência, elas merecem destaque. O primeiro material proposto por Buchler para uso de contagem são pratos de papelão, de acordo com o autor eles são baratos e podem ser adquiridos em confeitarias. Essa orientação aparece nas notas para o professor na página 215.

Ao longo do livro, na página 29, sugere-se o uso de uma balança de madeira para o ensino dos pesos. Para explicação dos princípios da multiplicação são utilizados bambus em sala de aula. Por sua vez na página 187 o uso do contador de pauzinhos aparece com uma imagem que ilustra as caixas utilizadas para que as crianças compreendessem as dezenas e unidades, conforme a Figura 6.

Figura 6 - Uso do contador de pauzinhos



Fonte: Büchler (1919, p. 187)

Ainda sobre os materiais concretos sugeridos no livro de Büchler (1919), nas notas para o professor, página 216, o autor recomenda o uso do contador de pauzinhos para desenvolver a abstração do número. Já na página 220, para desenvolver a noção de ordenamento (primeiro, segundo, etc) o autor sugere o uso de livros. Por sua vez, na página 226 a proposta para a contagem de números de 1 a 30 distribuindo aos alunos caixas de fósforos. Dessa forma, percebe-se que o autor equilibra o uso de imagens e materiais concretos no ensino da Aritmética.

Para além das histórias e dos materiais concretos, outras duas estratégias de ensino são propostas por Büchler: o desenho e a linguagem.

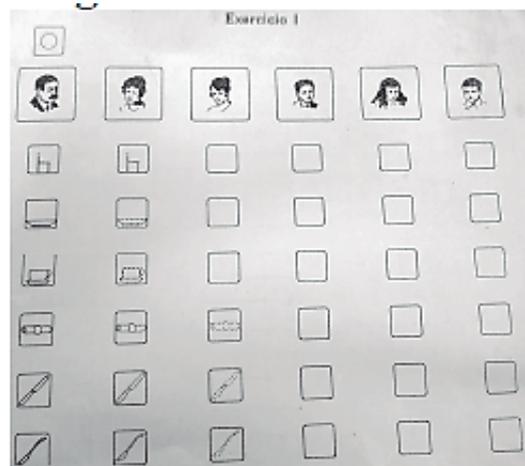
Sobre o desenho, o autor apresenta ao final do livro, em suas notas ao professor, diversas instruções de como o professor deveria realizar os desenhos no quadro ao mesmo tempo em que promove

questionamentos aos estudantes, assim como incentiva o desenho pelos próprios estudantes no caderno. Sobre os desenhos, de acordo com Dynnikov (2016, p. 105).

Seguindo os preceitos de Pestalozzi quanto a introdução do desenho, que aparece antes mesmo da introdução dos números, Büchler apresenta, no caderno auxiliar [...], tabela de dupla entrada para que o aluno a complete, as figuras pontilhadas sugerem o traçado que deve ser seguido: cadeira, prato, xícara, guardanapo, faca, colher. Há uma associação um a um de cada membro da família aos objetos, numa visível preparação para a contagem. Os dígitos de 1 a 10 não aparecem nessa primeira lição, apenas na terceira, no tema é economia, são introduzidos os números 1 e 2 e as operações de adição e subtração.

A seguir, apresenta-se a imagem do caderno auxiliar citado por Dynnikov (2016). Esse caderno auxiliar, de uso das crianças, aparece em Büchler (1919) em uma passagem das notas ao professor, da seguinte forma: “Uma vez obtida a compreensão, o professor mande os alunos realizarem as cópias das cadeiras nos respectivos rectangulos do caderno, nomeando cada pessoa a quem toca cada uma das cadeiras” (BÜCHLER, 1919, p. 215).

Figura 7 - Caderno Auxiliar do Livro I (*Arithmetica Elementar*)



Fonte: Dynnikov (2016, p. 106)

A linguagem também aparece no livro de Buchler como um instrumento pedagógico, tal como defendido por Oliveira (2017) e Incontri (1996). Dessa forma, embora as possíveis respostas das crianças não sejam apontadas, o livro se organiza de modo a regular a fala do professor para dialogar com as crianças sempre utilizando um jogo de perguntas e respostas em que permite identificar a aprendizagem da criança pelas suas respostas, conforme discussão de Oliveira (2017).

Destaca-se uma única passagem do livro de Büchler que apresenta a possível resposta dos alunos diante das perguntas do professor. Esse trecho se encontra nas notas ao professor em um exercício proposto para desenvolver a abstração do número e se coloca da seguinte forma:

Mandar o professor que um aluno disponha os mesmos pausinhos de modo que um fique na frente e um atraz. Perguntar si todos vêm, e como alguns negaro porque so verão o da frente, chamal-os- para verificarem o numero observando os pausinhos do lado. Induzir os alunos a descobrirem que 1 na frente e 1 atraz, vistos de um lado, so 1 à esquerda e 1 à direita (BÜCHLER, 1919, p. 217).

A partir dos elementos apresentados, considera-se que o livro de Büchler se vincula ao método intuitivo de Pestalozzi. A forma pela qual Büchler estrutura as lições de aritmética são marcadas pela triade da aprendizagem para Pestalozzi: número, forma e palavra. Portanto, as lições apresentam o número a partir das histórias e em relação às vivências das crianças. A forma e palavra se desenvolvem nas mediações entre linguagem, desenhos e materiais concretos. Essas mediações permitem que a forma de cada objeto em suas medidas e proporções seja conhecida e, nesse processo, os nomes dos objetos vão sendo introduzidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atentando-se ao objetivo deste artigo, que é identificar e analisar os princípios do método intuitivo de Pestalozzi no livro *Arithmetica Elementar* de Georg August Büchler publicado em 1a edição pela editora Weiszflog Irmoos em 1919, pode-se considerar que foi possível identificar e analisar três elementos que corroboram a tese de que o livro de Büchler se vincula ao método intuitivo de Pestalozzi. Os três elementos são: 1) a transição natural do mundo social da criança para o mundo escolar; 2) o uso dos desenhos e da linguagem como recurso de aprendizagem; 3) o uso de materiais concretos para a aprendizagem da Aritmética.

Os elementos citados foram analisados separadamente ao longo do texto, entretanto, no processo de ensino-aprendizagem proposto no livro eles estão imbricados. Isso ocorre, pois a linguagem perpassa todo processo,  ela que permite a leitura e a conversa sobre os contos que tem como principal objetivo auxiliar a criança a realizar uma transição ‘natural’ da sua vida cotidiana para a escola. Do mesmo modo é a linguagem, junto com o desenho e outras estratégias de aprendizagem que buscam promover na criança o pensamento, a ação e a ideia.

Considerando os processos de recontextualização dos princípios pedagógicos de Pestalozzi, conforme discutido por Incontri (1996), visualiza-se que o livro de Büchler apresenta elementos que relacionam a vida cotidiana da criança  aprendizagem, como no exemplo em que o professor questiona as crianças sobre os elementos de sua casa. Entretanto, na maior parte do livro, so as imagens e contos que substituem a vida cotidiana real.

Por fim, destaca-se o uso de materiais concretos no ensino da Aritmética preconizados no livro de Büchler, pois são materiais distintos dos citados nas normativas para o ensino nesse período. Assim, o autor sugere o uso de materiais de fácil acesso aos professores como pratos de papelão, bambus, livros e fósforos. Um importante destaque entre os materiais concretos está o contador de pausinhos que pode ser visualizado neste artigo e que pode ser objeto de análise em outros trabalhos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. F. ; PINTO, N. B. A presença das tabuadas em programas de ensino e em livros didáticos de aritmética da escola primária. **Revista de História da Educação Matemática**. ano 3, n. 2, p. 107-123, 2017.

AURAS, G. M. T. **Uma vez normalista, sempre normalista**: a presença do método de ensino intuitivo na construção de um habitus pedagógico (escola normal catarinense - 1911/1935). Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Defesa: Curitiba, 2005.

BÜCHLER, G. A. **Arithmetica Elementar** - Livro 1. São Paulo: Edições Weisflog Irmãos, 1919.

CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: Ed. da Unesp, 1999.

COSTA, H. O ensino da matemática nas escolas primárias. **Revista Nacional**. Companhia Melhoramentos de São Paulo, ano II, n. 10, p. 657-664, outubro de 1923.

DASSIE, B. A. O livro didático de matemática da escola secundária brasileira na primeira república (1889-1930). In: **I Congresso Ibero-Americanos de História da Educação Matemática**, 2011, Covilhã (Portugal). Disponível em: <https://bit.ly/2Nkl3NO>. Acesso em 31 ago. 2011.

DASSIE, B. A. Diálogos entre autor e professor: uma leitura da “Arithmetica Elucidativa” de Nelson Benjamim Monção. **Cadernos de História da Educação**. v. 17, n. 1, p. 116-138, 2018.

DUSSEL, I. Victor Mercante (1870 - 1934). **PROSPECTS**: the quarterly review of comparative education. Paris, UNESCO: International Bureau of Education, vol. XXVI, n. 2, p. 415-431, June 1996. Disponível em: <https://bit.ly/2NJDIXK>. Acesso em: maio 2019.

DYNNIKOV, C.M.S.S. Representações de aritmética no livro de Georg Büchler. **Revista de História da Educação Matemática**. v. 2, n. 1, p. 96-116, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/33qvPYw>. Acesso em: 27 mar. 2019.

DYNNIKOV, C.M.S.S. **Georg August Büchler**: um adepto do ensino intuitivo no Brasil. XIV Seminário Temático Saberes Elementares Matemáticos do Ensino Primário (1890-1970): Sobre o que tratam os Manuais Escolares? Natal - Rio Grande do Norte, 21 a 23 de março de 2016.

DYNNIKOV, C.M.S.S. Imagens nos livros didáticos de matemática: Georg Augusto Büchler e Karl Sölter. **Revista Acta Scientiarum**. v. 39, n. 1, p. 55-65, Jan.-Mar., 2017.

IESSLER, R. J.; SCHENA, D.R.; CORRÊA, R. L. T.; A Ideia de Pátria nos Livros Didáticos Aritmética Elementar - Livro 1 e Nossa Pátria. **Revista História e Ensino**. v. 24, n. 2, p. 261-285, 2018.

INCONTRI, D. **Pestalozzi**: educação e ética. São Paulo: Editora Scipione, 1996.

GASPARIN, J. L. **As ideias de Pestalozzi no Brasil**. In: Soëtard, M. Recife: Editora Massangana, 2010.

OLIVEIRA, M. A. Pedagogia Intuitiva da Escola Elementar de Pestalozzi: como se ensinava Aritmética? **Revista Bolema**. v. 31, n. 59, p. 1005-1031, Dec. 2017.

PESTALOZZI, J. **Sexta Carta**. In: Soëtard, M. Recife: Editora Massangana, 2010.

SANTOS, M. E. ; ALVES, E. M. S. O papel do professor nas teorias educacionais de Pestalozzi e Herbart: algumas percepções. **Revista Tempos e Espaços em Educação**. v. 11, n. 1, p. 269-284, dezembro, 2018.

SILVA, C. M. S. Georg August Büchler: um adepto de Pestalozzi em Blumenau. **Revista Blumenau em Cadernos**, t. 59, n. 3, p. 24-44, maio/junho 2018.

SOUZA, R. F. e ÁVILA, V. P. S.. Para uma genealogia da escola primária rural: entre o espaço e a configuração pedagógica (São Paulo, 1889-1947). **Roteiro**, v. 40, p. 293-310, 2015.

VALENTE, W. R. A constituição do elementar matemático: uma análise de programas de ensino (São Paulo, 1890-1950). **Revista Educação Unisinos**, v. 19, n. 2, p. 196-205, maio/agosto 2015.

ZANATTA, B. A. O legado de Pestalozzi, Herbart e Dewey para as práticas pedagógicas escolares. **Revista Teoria e Prática da Educação**. v. 15, n. 1, p. 105-112, 2012.

Portarias e Decretos:

PARANÁ. Portaria nº 86, de 19 de agosto de 1921, aprovada pelo então Secretário Geral de Estado, Marins Alves de Camargo.

SANTA CATARINA. Decreto nº 587, de 22 de abril de 1911. Aprova e manda observar nos Grupos Escolares e nas Escolas Isoladas o programa de Ensino.

SANTA CATARINA. Decreto nº 1322, de 29 de janeiro de 1920. Aprova o programa de ensino dos grupos escolares.

SÃO PAULO. Decreto nº 1281, de 24 de abril de 1905. Aprova e manda observar o programa de ensino para as escolas modelo e para os grupos escolares.

SÃO PAULO. Decreto nº 2005, de fevereiro de 1911. Aprova e mandar observar o programa de ensino para as escolas isoladas do estado de São Paulo em 1911.

SÃO PAULO. Decreto nº 2944, de 8 de agosto de 1918. Apresenta o regulamento para a execução da Lei 1.570 de 19 de dez. 1918.

RECEBIDO EM: 28 jun. 2019

CONCLUÍDO EM: 24 set. 2019